

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO – UNIVASF

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MESTRADO EM PSICOLOGIA

Valeu o boi! Uma análise de gênero na vaquejada.

Anyelle Brito Leite Santos

Petrolina

2017

ANYELLE BRITO LEITE SANTOS

Valeu o boi! Uma análise de gênero na vaquejada.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco, para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Diego Luz Moura.

Petrolina

2017

S237v Santos, Anyelle Brito Leite.
Valeu o boi ! Uma análise de gênero na vaquejada / Anyelle Brito Leite Santos. -- Petrolina-PE, 2017.
xxi, 65 f. : il. ; 29 cm.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Petrolina, Petrolina-PE, 2017.

Orientador: Prof. Dr. Diego Luz Moura

1. Gênero. 2. Estereótipos (Psicologia social). 3. Vaquejada - mulher. 3. Música. 4. Competição. I. Título. II. Universidade Federal do Vale do São Francisco.

CDD 305.4

Título: Valeu o boi! Uma análise de gênero da vaquejada

Autor: Anyelle Brito Leite Santos.

Data da defesa: 08/08/2017.

Banca Examinadora:

Diego Luz Moura

Universidade Federal do Vale do São Francisco, PE

Luciana Duccini

Universidade Federal do Vale do São Francisco, PE

Roberta de Sousa Mélo

Universidade Federal do Vale do São Francisco, PE

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado forças para superar todas as dificuldades durante esse percurso, fazendo-me acreditar que era possível quando nem eu mesma acreditava.

A todos os meus familiares pelo apoio e torcida, em especial a minha mãe, por toda dedicação a minha educação e por ser inspiração para minha perseverança nos estudos.

Ao meu esposo pelo apoio e paciência durante esse percurso.

Ao meu orientador pela oportunidade de ingresso no programa. Sou grata pela paciência e ensinamentos durante esses dois anos, não só acadêmico, mas enquanto ser humano.

Às minhas amigas Altair, Degiane, Najara e Charliane por terem me acompanhado e incentivado desde o início da seleção do programa e por se fazerem presentes mesmo com alguns km de distância.

As minhas amigas Renata, Nayra, Sunna e Andreza pelo apoio, companheirismo e aprendizado.

Às vaqueiras pela disponibilidade e contribuição com a pesquisa.

Aos integrantes do LECPEF, em especial a Olga, Sergiane e Tássia, pelo carinho e apoio.

A todos os meus colegas e professores do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Univasf por terem contribuído com a minha formação acadêmica.

Resumo

Esse estudo teve como objetivo analisar os discursos sobre a mulher na vaquejada. Realizado em duas etapas, na qual cada um resultou em um artigo científico, que embora independentes, se complementam. A primeira etapa subsidiou o primeiro artigo, no qual foi realizada uma análise da representação da mulher em letras de músicas da vaquejada. Foram selecionadas as sessentas primeiras músicas que surgiram no ranking após a pesquisa na busca do site Vagalume® com a palavra vaquejada. A *Ficha de Verificação de Relevância de Músicas para Vaquejada* foi criada para verificar a relação da música com a vaquejada. Respondida por três especialistas (músicos profissionais com três anos ou mais de experiência com este estilo musical e com participação em shows de eventos de vaquejada, selecionados por meio da técnica de bola de neve de Becker (1997). As músicas consideradas por dois ou mais especialistas como sendo de “muita” relevância para o contexto da vaquejada foram inclusas. Após a exclusão das músicas que não retratavam o gênero feminino e se repetiam, contabilizou-se 19 canções. Após analisar as letras por meio da análise de conteúdo com base em Bardin (2011), foram criadas três categorias: a mulher como objeto de entretenimento, a invisibilidade da mulher e a figura feminina romantizada. Conclui-se que há uma reprodução de estereótipos relacionados ao corpo e a identidade das mulheres como objetos disponíveis aos desejos e prazer masculino. Na segunda etapa, a qual subsidiou o segundo artigo, analisou-se os discursos de mulheres praticantes de vaquejada em relação a inserção, acesso e participação nesta prática. Foi realizada uma entrevista semi-estruturada com 20 mulheres praticantes de vaquejada. A amostra se deu a partir da técnica de saturação e os seguintes critérios de inclusão: a) mulheres que participam de competições de vaquejadas no tempo mínimo de 1 ano. b) mulheres com idade a partir de 18 anos. As vaqueiras foram contatadas a partir da Associação Brasileira de Vaqueiras – ABRAVA e foi utilizada a técnica de bola de

neve para construção da amostra (Becker, 1997). Após a análise interpretativa das entrevistas, concluiu que as questões de gênero moldam a representação da mulher na vaquejada, o que reflete nas dificuldades encontradas por elas, assim precisando conquistar maior visibilidade, melhores premiações e horário de competição assegurados em todas as vaquejas sendo ou não circuitos da Associação Brasileira de Vaqueiras-ABRAVA.

Palavras-chave: Gênero; Vaquejada; Música; Competições.

SUMÁRIO

Apresentação.....	9
ARTIGO I	
Introdução.....	13
Método.....	15
Resultados e discussões.....	17
A mulher como objeto de entretenimento.....	17
A invisibilidade da mulher.....	21
Romantização da mulher.....	26
Considerações finais.....	30
Referências.....	31
ARTIGO II	
Introdução.....	36
Método.....	40
Resultados e discussões.....	41
A mulher e sua inserção na vaquejada.....	41
Do privado ao público: o acesso de mulheres vaqueiras.....	46
Avanços e negociações no ambiente da vaquejada.....	49
Considerações finais.....	60
Referências.....	61
Conclusão.....	64

APRESENTAÇÃO

A vaquejada sofreu transformações ao longo da história até chegar ao que conhecemos hoje. Inicialmente era praticada pelos vaqueiros com a finalidade de sobrevivência, onde estes demonstravam as suas habilidade e força ao capturarem o gado dentro do mato. No segundo momento passou a ser realizada como divertimento, onde os vaqueiros eram solicitados pelos patrões para participarem de competições em sua fazenda e em troca recebiam premiações. E por fim, a vaquejada como prática regularizada, onde há grandes investimentos com animais, premiações e parques, atraindo um grande público de vaqueiros e espectadores (Lima, Melo, Guimarães & Guimarães, 2017).

Considerada por alguns como um “estilo de vida”, a vaquejada influencia na forma de vestir, falar e no gosto musical, sendo o último predominantemente no sertanejo e forró. As letras das músicas abordam o contexto da vaquejada, sendo estas inspiradas na história e situações vivenciadas pelos vaqueiros. A música sempre esteve presente nesse contexto. Inicialmente os vaqueiros cantavam dentro das matas ao realizarem a captura do gado no mato e atualmente através dos shows de bandas musicais desse estilo que se apresentam nos clubes dos parques de vaquejada e no som ambiente dos parques (Aires, 2008).

Os estudos relacionados à vaquejada, em sua maioria, abordam questões relacionadas à masculinidade, ao contexto histórico e a pecuária. Considerando a inserção feminina na vaquejada, o espaço que vem conquistando nesse meio e a carência de estudos de gênero no âmbito esportivo, percebeu-se a necessidade de analisar os discursos sobre a mulher na vaquejada, levando em consideração que o esporte é um objeto legítimo e pertinente de investigações (Goellner, 2013).

Nesse sentido, essa dissertação foi organizada da seguinte maneira: inicia-se com o artigo I, intitulado como “A representação da mulher nas músicas de vaquejada”, que teve como objetivo analisar a representação da mulher em letras de músicas da vaquejada. Em

seguida, será apresentado o artigo II, intitulado “Valeu o boi! Uma análise de gênero sobre a prática de mulheres na vaquejada”, o qual analisou o discurso de mulheres praticantes de vaquejada em relação à sua inserção, acesso e participação na atividade. Apesar de se dividir em dois estudos, esses se complementam.

ARTIGO I

A representação da mulher nas músicas de vaquejada

Resumo

Esse artigo tem como objetivo analisar a representação da mulher em letras de músicas da vaquejada. A partir do site Vagalume® foram selecionadas as 60 primeiras músicas do ranking, utilizando a palavra vaquejada no campo de busca da página. Para garantir a validade interna foi criada uma *Ficha de Verificação de Relevância de Músicas para Vaquejada* para verificar a relação das músicas ao contexto cultural da vaquejada. A Ficha foi respondida por três especialistas (músicos profissionais com três anos ou mais de experiência neste estilo musical e participação em shows de eventos de vaquejada), sendo utilizada a técnica de bola de neve de Becker (1997) para a seleção dos mesmos. Foram incluídas as músicas consideradas por dois ou mais especialistas como de “muita” relação com a vaquejada. Em seguida, foram excluídas as músicas que se repetiram e as que não retratavam o gênero feminino, restando 19 canções. Estas foram posteriormente analisadas através do modelo de análise de conteúdo de Bardin (2011). Após a apreciação das músicas na íntegra, foram criadas três categorias e contabilizadas as suas incidências nas letras das músicas: mulher como objeto de entretenimento, a invisibilidade da mulher e a figura feminina romantizada. Conclui-se que as letras das músicas analisadas reproduzem determinados estereótipos do contexto social mais amplo, pontuando o corpo e a identidade das mulheres como objetos disponíveis aos desejos e os prazeres masculinos.

Palavras-chave: mulher; vaquejada; música.

Abstract

This article aims to analyze the representation of women in the main lyrics of the vaquejada. From the site Vagalume® were selected the 60 first of the ranking, searching the word vaquejada in the site. To guarantee the internal validity, a Verification of Relevance of Songs for Vaquejada was created to verify the relation of the songs to the cultural context of the vaquejada. The datasheet was answered by three experts (Professional musicians with three years or more experience in this musical style and who participate in concerts at vaquejada events), using Becker's snowball technique (1997) to select the specialists. Included were the songs considered by two or more experts as of "much" relevance for the vaquejada, counting 19 songs. Afterwards, the songs that were repeated and did not portray the female were excluded, being later analyzed through content analysis based on Bardin (2011). After the appreciation of the songs in full, three categories were created and their incidences in the lyrics of the songs: (the woman as object of entertainment, the invisibility of the woman, the feminine figure romanticized). It is concluded that the representation of the woman is directed to part of the fun in the vaquejas, object of pleasure and submission in relation to the man.

Keywords: woman; vaquejada; music.

No final do século XIX as reivindicações femininas passaram a ter maior proporção, no qual um grupo de mulheres promoveu manifestações em Londres em busca de igualdade de direitos civis, políticos e educativos. O direito ao voto foi uma das conquistas adquirida e popularizada na época. Esse período ficou conhecido como primeira onda do feminismo e teve seu início na Inglaterra (Pinto, 2010).

A segunda onda do feminismo ressurgiu na década de 1960 e perdura até o fim da década de 1980 em especial nos Estados Unidos e na França. As feministas americanas enfatizavam a opressão masculina e busca de igualdade. As feministas francesas traziam a necessidade de serem valorizadas as diferenças entre homens e mulheres, buscando maior visibilidade as experiências femininas. Cabe ressaltar que os papéis atribuídos a mulher nesse período se restringia a reprodução e cuidados domésticos (Barbosa & Lage, 2015).

Em meados da década de 1980 as feministas francesas passam a receber influência dos pensamentos pós-estruturalistas, assim surgindo a terceira onda do feminismo para discutir e corrigir algumas lacunas deixadas pela onda anterior. Nesse período, as categorias fixas e estáveis foram problematizadas e o gênero passou a ser compreendido como uma categoria relacional. Havendo um deslocamento do campo de estudo sobre sexo e mulheres para o estudo das relações de gênero (Narvaz & Koller, 2006).

A utilização do termo gênero se deu inicialmente pelas feministas americanas como forma de referir-se à construção social e histórica do masculino e feminino, ou seja, as atribuições sociais de papéis, compreendendo a forma de agir e sentir-se homem ou mulher como resultado do contexto sociocultural em que o indivíduo está inserido (Louro, 2008).

Esse termo começou a ser utilizado para rejeitar as justificativas biológicas, passando a dar ênfase a um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é determinado por ele. O termo possibilita a discussão das relações de poder entre homens e mulheres e explicita a construção da desigualdade entre eles na história das sociedades ocidentais. Atualmente, o

rompimento da dicotomia que destinava os homens ao domínio público e as mulheres ao domínio privado não esgotou a necessidade de se discutir as relações de gênero, já que as relações de poder são inerentes a elas e todas as relações sociais sofrem transformações constantes e contínuas ao longo da história (Scott, 1989).

A discussão de gênero vem se tornando cada vez mais frequente no âmbito acadêmico, tendo em vista mudanças ocorridas na representação social dos papéis femininos e masculinos ao longo do tempo e o seu impacto na sociedade. Podemos considerar que essas mudanças se deram a partir da inserção da mulher em espaços tidos culturalmente como masculinos (mercado de trabalho, esportes, dentre outros), assim possibilitando uma redução na diferença entre os gêneros.

O debate de gênero busca problematizar os papéis de homens e mulheres na sociedade, no qual estes são construídos através de diferentes representações, uma delas é a música. Antes de a canção ser um formato musical e um discurso, ela narra ou mimetiza acontecimentos reais da vida do sujeito, sendo uma forma possível de autocompreensão com base no espelho midiático da época (Valverde, 2012).

As músicas ganharam novas possibilidades de compartilhamentos e facilidade de acesso através dos dispositivos móveis, esse fato se deu devido ao desenvolvimento do formato mp3. Estas são capazes de transmitir alguns pensamentos da sociedade, bem como operam em relação à construção e afirmação de identidades (Senra, 2014).

É comum que os diferentes grupos acabem se utilizando das músicas como mais um marcador simbólico para a construção de suas identidades. Podemos ver isso nos surfistas, skatistas, moradores de periferia entre outros. Dentre os diferentes grupos escolhemos as músicas de vaquejada¹. A vaquejada surgiu no Brasil como prolongamento das apartações no

¹ Apesar das mudanças na vaquejada contemporânea, Aires (2009) considera que esta não se desconecta do seu passado, consistindo no “ato de puxar o boi pelo rabo”. Conforme descreve Cascudo (1969), esse ato se dá por um par de vaqueiros que correm lado a lado, onde o da esquerda (esteireiro) mantém o boi em reta e passa o rabo

início do século XX. As competições aconteciam dentro das fazendas e era considerada uma prática arriscada. A coragem, bravura, heroísmo, chapéu de couro, gibão e botas são tidos como representações sociais dos vaqueiros na historiografia nordestina e associados à figura masculina (Aires, 2008).

Considerando que esse meio reproduz papéis e, como espaço cultural, está aberto a tensões e ressignificações, o presente estudo busca analisar a representação da mulher nas principais letras de músicas da vaquejada.

Método

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que busca a descrição de informações através de dados descritivos. Assim, proporcionando análises e interpretações mais profundas dos dados, fornecendo uma análise detalhada das investigações (Lakatos, 2009; Marconi, 2009).

Para a seleção das músicas sobre a vaquejada, buscou-se uma ferramenta que pudesse fornecer aquelas que possuem maior relevância para este contexto. Entretanto, ainda carece de ferramentas quando se analisa a produção de músicas (Alencar, 2000). Na falta de ferramentas mais consagradas no campo acadêmico buscamos investigar fontes que pudessem de alguma forma fornecer indicadores de relevância sobre estas. Foi neste contexto, que utilizamos o site Vagalume®.

O site vagalume é um portal brasileiro de músicas que têm como parceiro o portal de notícias da Rede Record - R7, e pode ser acessado pelas redes sociais (facebook, twitter, google+, youtube e instagram), no computador (google, media player, iTunes, tumble e winamp) e no smartphone (google play e app store). Nele contempla músicas pelos estilos musicais, através de rádios (vagalume FM, Saudade FM, 89 FM a Rádio do Rock, Oi FM,

deste para o da direita (puxador), que fica responsável por derrubar o boi com sua puxada, deixando este cair na faixa.

CocaCola FM, Girassol, Conect Rádio e Vibe Sertaneja) e cadastramento de artistas, letras e álbuns pelos usuários. O acesso pode ser realizado por pessoas cadastradas ou não no site. A escolha desse site se deu devido à abrangência e disponibilização das músicas de cada estilo musical com um ranking de acesso dos usuários que é atualizado semanalmente e por contemplar as músicas de vaquejada.

Portanto, a análise do site vagalume foi utilizada inicialmente como estratégia para identificar as músicas de relevância neste contexto e garantir, de primeira forma, validade externa sobre a escolha das músicas. A partir disso, foram selecionadas as sessenta primeiras músicas do ranking, utilizando a palavra vaquejada no campo de busca do site.

Após a seleção das 60 músicas, embora com validade externa, ainda poderia recair por dar visibilidade apenas as músicas que teriam alta posição no ranking, podendo estar neste patamar devido ao sucesso de algum cantor em voga no momento ou pela música estar sendo agenciada pelo mercado fonográfico. Logo, seria necessário buscar um instrumento que possibilitasse uma maior validade interna relacionada com o contexto cultural da vaquejada.

Foi, então, construída a *Ficha de Verificação de Relevância de Músicas para Vaquejada* para verificar a relação das músicas ao contexto cultural da vaquejada, na medida em que o ranking pode apenas dar visibilidade a determinadas músicas sem necessariamente esta possuir maior vinculação a este contexto musical e cultural.

Na ficha, as 60 músicas foram listadas pela sua ordem de classificação no site vagalume com suas características: título da música, intérprete, refrão e o grau de relevância da música (pouca, média e muita). Para responder a ficha buscou-se especialistas para garantir a validade interna da pesquisa.

Os especialistas foram escolhidos a partir dos seguintes critérios de seleção: ser músico profissional com três anos ou mais de experiência neste estilo musical e participar de shows em eventos de vaquejada. Para encontrar os especialistas fez-se uso da técnica da bola

de neve de Becker (1997), no qual o primeiro especialista foi selecionado a partir da lista de contato do pesquisador, este indicou o segundo e assim consecutivamente.

Em seguida os três especialistas responderam o instrumento indicando o grau de relevância das músicas a serem analisadas. A aplicação da ficha foi realizada nos escritórios dos especialistas, estes localizados na cidade de Petrolina-PE, em dia e horário previamente indicado por eles. Todos preencheram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e foram informados acerca dos procedimentos da pesquisa.

Posteriormente, as músicas consideradas por dois ou mais especialistas como de “muita” relação com a vaquejada entraram para a análise, sendo excluídas as letras que se repetiam, mesmo possuindo interpretes diferentes, e as que não fizeram nenhuma referência ao gênero feminino. Após a aplicação do instrumento foram selecionadas um total de 19 músicas (atuais e clássicas), analisadas na íntegra através da análise de conteúdo (Bardin, 2011).

Resultados e discussões

A partir da seleção dos especialistas, as músicas que se repetiram e que não faziam nenhuma referência ao gênero feminino foram excluídas da análise. Após a apreciação das músicas na íntegra, foram criadas três categorias a serem analisadas em cada música, levando-se em consideração a incidência das mesmas, como se pode observar na Tabela 1.

Tabela 1. Categorias do estudo		
Categorias	Definição	Incidência
A mulher como objeto de entretenimento	Situações em que a mulher é retratada como objeto de diversão e prazer.	15
A invisibilidade da mulher	Atitudes que trazem a virilidade do homem, a dominação e valorização deste pelos bens materiais, companhia da mulher	15

	e símbolos do vaqueiro (derrubar boi, cachaça, roupas, vencedor, dentre outros) como valorização do homem.	
<hr/>		
A figura feminina romantizada	Utilização da figura feminina como inspiração romântica, exaltação da beleza, admiração e as situações em que as mulheres participam da vaquejada apenas como espectadoras.	11
<hr/>		

A mulher como objeto de entretenimento

Essa categoria apresentou uma das maiores representatividades, contabilizando 15 incidências, tendo sido considerados os trechos que retratam a mulher como objeto de diversão e prazer.

Encontra-se de forma geral uma tentativa de apropriar-se do corpo feminino. Nessas letras, ao mesmo tempo em que esses atributos são associados ao desejo masculino, à possibilidade do domínio sobre a mulher é enaltecida. Ou seja, nessas construções de gênero, a beleza do corpo feminino despertaria a vontade do homem, mas também sugere a autoridade deste sujeito sobre a corporeidade e subjetividade femininas.

“Ah se eu fosse casado

Com uma mulher daquela

Eu contratava a mim mesmo

Pra viver cuidando dela

Não pisava nem no chão

Só eu lhe passava a mão.”

(Mulher Casada – Interpretada pela banda Arreio de ouro)

Conforme se observa no trecho, por trás do cuidado está a ideia da submissão da mulher ao homem, assim como sua incapacidade de realizar algo sem a presença masculina, retratando-a como dependente para a realização das suas atividades e a impedindo de entrar em contato com outras pessoas. O casamento seria a forma de domínio do homem sobre a mulher. Essas representações não podem ser compreendidas sem considerarmos a estrutura patriarcal que caracteriza a trajetória da nossa sociedade. Durante décadas as mulheres estiveram submissas às figuras masculinas, sendo seu papel reduzido à procriação e cuidados do lar. O matrimônio acontecia de acordo com os interesses financeiros da família, assim casavam muito cedo e não tinham o direito de escolher o seu cônjuge, responsabilidade que caía ao seu genitor (Santos & Sacramento, 2011), como podemos perceber na letra a baixo:

“Ah se fosse casado com uma mulher daquela

Eu contratava a mim mesmo pra viver cuidando dela

Não pisava nem no chão, só eu lhe passava a mão”

(Mulher casada – Interpretada pela banda Arreio de Ouro)

Em outro trecho identificamos um enaltecimento da beleza feminina, mas ao mesmo tempo a sua vaidade é desconsiderada. Os trechos são iniciados como se a mesma não pudesse utilizar os seus adereços ou sua maquiagem, símbolos estes considerados culturalmente como femininos. Esse ato é posteriormente justificado como se a beleza fosse determinada pelo biológico, natural, puro, sem necessidade de “correções” feitas pela maquiagem ou passível de influências culturais citados no trecho da música. Podemos considerar que o “enaltecimento” da beleza feminina é utilizado como estratégia para manter a subordinação da mulher através do poder de decisão do homem sobre o uso ou não dos adereços e maquiagem.

*“Rímel não use, sombra não coloque.
 Seu rosto é perfeito, sem nenhum retoque.
 Não mude o corte, nem pinte os cabelos.
 Você faz moda, sem seguir modelos.
 Anéis, pulseiras e brincos pra quê
 Você usar joia, se a joia é você.”*

(Mudar pra quê? – interpretada pela banda Arreio de Ouro)

O debate de gênero nos leva a referir sobre uma construção social e histórica da relação entre os sexos. As construções acerca das representações sociais dos homens e mulheres variam culturalmente, bem como são perpassadas por recortes de classe, raça e religião, por exemplo. Não obstante os significados, símbolos e modelos comportamentais atribuídos a cada sexo serem historicamente transformados, verificamos a permanência de alguns atributos femininos ainda em nossos dias: se espera que a mulher seja frágil, delicada, vaidosa, organizada, dona de casa, amorosa, dentre outra; e que o homem seja forte, corajoso, pouco preocupado com a aparência e possua mais iniciativa (Louro, 1997).

Em outros trechos fica evidente a representação do papel do homem como viril, valente e dominador, cabendo à figura feminina uma representação de passividade e romantismo. No segundo trecho fica explícita a submissão feminina, sendo que o homem decide em que lugar e momento a mulher irá assumir cada um desses papéis na sua vida.

*“E da vaquejada pro bar, do bar para o motel
 E na boiada eu sou carrasco, na cama eu sou cruel.”*

(Balada do Vaqueiro – Interpretada por Mano Walter)

*“Ai, ai, ai uma mulher pra xodozar,
 Ai, ai, ai uma mulher pra namorar,*

*Ai, ai, ai uma mulher pra nós casar
sexta, sábado e domingo e segunda se separar.”*

(Não sou Vaqueiro – Interpretada por Sirano e Sirino)

No primeiro trecho, percebemos aqui a objetificação sexual do corpo feminino, na qual a mulher é equiparada a um animal dominado e maltratado pelo homem. Um modelo de masculinidade realizado pela agressividade e controle. Percebem-se algumas características pautadas no determinismo biológico, colocando a mulher em um lugar de subordinação.

O termo gênero é utilizado como forma rejeitar as justificativas biológicas, a qual coloca a mulher em lugar de subordinação em relação ao homem. Este indica as construções sociais das diferenças percebidas entre os sexos e as relações estabelecidas a partir dele. Sendo essas transitórias, capazes de variarem historicamente (Scott, 1995).

A invisibilidade da mulher

Essa categoria apresentou a mesma representatividade da categoria anterior, contabilizando 15 incidências. Foram consideradas atitudes que remetem à virilidade do homem, dominação, valorização deste pelos bens materiais que possui, companhia da mulher e o uso de símbolos do vaqueiro (derrubar boi, cachaça, roupas, vencedor, dentre outros) como valorização do homem. Nomeamos a categoria como invisibilidade da mulher devido a maior visibilidade a figura masculina nas letras. Apesar da menor representatividade, houve menção a figura feminina em algum dos seus trechos, assim não podendo excluí-las da análise.

O padrão de dominação masculina, conforme identificamos nessa categoria, foi responsável pela representação de alguns estereótipos construídos ao longo dos anos. A mulher assumia um papel secundário ao ser vista como frágil e submissa e aos homens eram destinados os papéis de forte, dominador, viril, em busca de sucesso e poder. Esses atributos

são típicos do modelo patriarcal que com as mudanças políticas, sociais e econômicas passaram a ser questionados (Santos, 2010).

Nos trechos abaixo podemos perceber um modelo de ser homem pautado na competitividade, agressividade, busca do poder e sucesso. Esse fato fica evidente quando se faz menção aos bens materiais, aquisição das bebidas e o seu uso excessivo. De acordo com Aires (2008) o consumo de bebidas alcoólicas surge na vaquejada como forma de obter controle sobre a ansiedade por parte de alguns competidores, como também fazem uso desta nas festas que acontecem paralelamente as vaquejadas.

*“Não ando a cavalo, eu só ando de carro, mas
sou doido por embalo com as mulheres na bagaceira.”*

(Não sou Vaqueiro – Interpretada por Sirano e Sirino)

*“Whisky, red bull e o bolso cheio de dinheiro
Galera fica louca na balada do vaqueiro...
Mandei lavar meu carro, regular meu paredão.”*

(Balada do Vaqueiro – Interpretada por Mano Walter)

*“Tá bebendo muita cana, tá botando é pra quebrar,
Desmantelo e Cachaçada ele nunca perde não, aguenta
muita cana e Montilla com limão, é o maior Bonequeiro
da Família dos Leitão.”*

(Oh mãe, oh que calor – Interpretada por Luan Maia)

Podemos considerar que o consumo está atrelado à visibilidade e poder de seduzir as mulheres, ao mesmo tempo em que a vaquejada está fundada na espetacularização da imagem do vaqueiro. É por esse jogo de imagens que a figura masculina é erigida e reproduzida. Esses padrões de masculinidade percebidos estão fundamentalmente relacionados às representações que esses sujeitos constroem em torno da mulher, seu corpo e identidade.

Pinto (2010) considera que esse perfil de masculinidade pautado na virilidade, agressão, força, poder e competição remetem aos valores que ainda estão presentes em nossa sociedade e que esse modo de pensar e agir influencia na sua exaltação e reprodução, valores em sua maior parte capitalistas, presentes na sociedade em seu contexto mais amplo e que se refletem no universo contemporâneo da vaquejada. Não podemos esquecer, afinal, que estamos falando de um evento que necessita e possibilita grandes financiamentos.

Apesar de encontrarmos esse modelo de masculinidade nas letras de músicas de vaquejada, não podemos desconsiderar outras formas de poder e masculinidade. As músicas trazem símbolos do vaqueiro associados ao uso da cachaça, roupas, derrubar boi, vencedor, dentre outras características como símbolos do vaqueiro e valorização do homem. Estando a figura do vaqueiro, através do domínio sobre o cavalo e o boi, exercer força ao derrubar o boi, ser reconhecido no meio e conquistar prêmios.

Barbosa (2006) destaca o campo da masculinidade como movediço, considerando que a figura do vaqueiro e o ato de derrubada o boi reforçam alguns papéis associados à masculinidade, podemos considerar que a busca constante pela sua visibilidade através das conquistas das premiações se dá como uma forma de provar a sua masculinidade.

No estudo realizado por Aires (2008), os entrevistados relatam a busca constante pelas premiações, sendo esta a simbolização da sua masculinidade. Considerando que uma das condições de ser vaqueiro é correr e conquistar prêmios, essas características são expressas em vários trechos:

*“Sou vaqueiro nordestino puxar boi é meu destino.
Sou o rei da vaquejada puxo boi desde menino,
o que é de garrote gordo derrubei pelo caminho.”*

(A Vaquejada – Interpretada pela banda Arreio de Ouro)

*“Eu vou pegar na cauda e puxar meu bate esteira,
no meio da faixa vou botar o boi no chão,
vou ouvir o juiz gritando valeu boi
e o povo confirmando que eu sou campeão.”*

(Vou pra vaquejada – Interpretada pela banda Solteirões do Forró)

*“Desde cedo assumi minha paixão de ser vaqueiro
e ser um campeão nas vaquejadas sempre fui batalhador
consegui respeito por ser um vencedor.”*

(Saga de um Vaqueiro – Interpretada pela banda Caviar com Rapadura)

*“Pra derrubar touro brabo, tem que ter força no braço,
Pra ser bom vaqueiro tem que fazer como eu faço.”*

(Fim de Semana – Interpretada pela banda Arreio de Ouro)

O boi é visto pelo vaqueiro como um risco, pois este pode vencê-lo ao se esquivar na pista. A valorização da representação social do vaqueiro se dá ao derrubar o boi, passando a ser visto como forte e bravo. Ao relatar que realiza a derrubada desde menino, fica claro a tradição desta prática. Além de ficar evidente que a vaquejada é considerada uma prática

masculina, pois em nenhum momento se fala da participação ou inserção da mulher nas competições.

O negócio na vaquejada é tido como algo central na construção da masculinidade, na qual o patrão e o vaqueiro têm como um local para adquirir dinheiro e fama. São desenvolvidas atividades como compra de cavalos, participações de disputas, contratação de vaqueiros, dentre outras. Apesar de ser um meio para os patrões investirem recursos financeiros e os vaqueiros adquirirem sua sobrevivência, é para os dois uma forma de obter dinheiro e fama (Aires, 2008). Estando a conquista ou posse da mulher negociada, dentre outras formas, pelo consumo desses bens.

O autor ainda descreve sobre a representação corporal do vaqueiro, onde este é visto como um exemplar de estereótipos de um “homem verdadeiro”. Esse fato fica evidente levando em consideração a extensão dos seus trajes quando outros homens (espectadores) fazem uso durante as festas. Os trechos abaixo retratam esses estereótipos do vaqueiro:

“Separei meus cavalos, quarto de milha, alazão

Peguei a minha cela, espora, luva e chicote

Coloquei os cavalos lá em cima do reboque.”

(Balada do Vaqueiro – Interpretada por Mano Walter)

“Diz ele quando eu morrer coloque no meu caixão

Meu uniforme de couro Perneira, chapéu gibão

Pra mim brincar com São Pedro nas festas de apartação.”

(Vaquejada - Alcymar Monteiro)

*“Quando eu vou pra vaquejada com o meu lindo alazão
 Eu me sinto o Rei do Gado derrubando o boi no chão
 Com a minha indumentária completa não abro mão
 O meu grito é uma pancada, chapéu de couro e gibão
 Arreios de ouro e prata, cinto de fivela e facão.”*

(Vaquejada é atração (O Rei do Gado) - Walther Bernardinho)

Os trajes são colocados como parte dessa caracterização do vaqueiro, no qual este tem que possuir não só o melhor cavalo para poder realizar as melhores manobras, mas ao mesmo tempo necessita da fivela, espora, luva, chicote, chapéu de couro e gibão. A afirmação do “cabra macho” associada à figura do vaqueiro possui grande representatividade para esse contexto, ficando evidente ao solicitar esses acessórios em seu caixão.

Romantização da mulher

Nessa categoria foram consideradas situações que fazem menção à figura feminina como inspiração romântica, exaltação da beleza, admiração e as situações em que as mulheres participam da vaquejada para prestigiar os vaqueiros nas competições e aplaudindo. A categoria que apresentou menor representatividade, contabilizando 11 incidências.

De acordo com Scott (1995), o gênero exerce uma grande importância na estruturação da vida social e dos sistemas simbólicos. Considerando as representações de gênero da nossa sociedade, sendo as normas, regras sociais e costumes assimilados desde a infância, percebe-se uma visão naturalizada do poder masculino em detrimento do feminino.

*“Ô mulher você é linda, és a linda das mais lindas,
 igual a você não tem. És a flor que solta o cheiro,*

*rainha desse vaqueiro, você só me faz o bem.
 Meu coração é só teu, já reconheci que eu
 sem você não sou ninguém.”*

(A linda das mais lindas – Arreio de Ouro)

A letra acima faz menção à beleza feminina de forma geral, mas há um enaltecimento dos atributos da amada. Quando a mulher é comparada a uma flor, podemos considerar que esta simboliza beleza e delicadeza, além de naturalizar esses atributos. A mulher é responsável por fazê-lo se sentir bem, assim passando a ser merecedora do seu amor só depois desse reconhecer a importância dela em sua vida.

Bourdieu (2002) descreve que os padrões de feminilidade como disponibilidade, atração, simpatia, submissão e discrição as colocariam em um lugar de dependência simbólica, sendo esses padrões construídos socialmente e responsáveis pela significação da sua existência.

Algumas dessas características podem ser encontradas em outros trechos, como podemos observar abaixo. No primeiro, percebemos que o sorriso da menina é admirado e naturalizado pela figura masculina como uma das belezas do sertão, assim como o gado. Apresenta uma visão feminina passiva, delicada e romântica quando se refere ao sentimento feminino. O segundo trecho também apresenta a passividade e romantismo feminino, esse fato fica evidente quando lhe é solicitado que fique a espera do seu amado. Mas ao mesmo tempo o homem expressa seu romantismo e demonstra corresponder aos sentimentos da amada.

*“O que vejo de belo no sertão
 É o gado correndo na colina*

O sorriso na boca da menina

E o segredo que tem em seu coração.”

(Vida de vaqueiro – Interpretada por Mano Walter)

“Mulher de gado olhe me espera

vou correndo apaixonado para

os braços dela, vou plantar seu amor

no meu coração... vou escrever

seu nome na capa da minha sela.”

(Vou pra vaquejada – Interpretada pela banda Solteirões do Forró)

Percebe-se a reprodução das relações de gênero socialmente desiguais e hierarquizadas. Ao mesmo tempo em que a mulher ocupa esse lugar de passividade e romantismo, o homem é visto pela sociedade como ativo, corajoso e sendo responsável por tomar iniciativas (Bourdieu, 2002). Esse fato fica pode ser identificado no seguinte trecho:

“Eu farei tudo na vida

Para o nosso amor não ter fim

Enfrento até o pai dela

Se tiver de ser assim

De tudo serei capaz

Só não me acostumo mais

Com ela longe de mim.”

(Mulher Casada – Interpretada pela banda Arreio de Ouro)

A figura masculina demonstra a sua posição de ativo nos relacionamentos ao demonstrar a sua coragem ao mencionar que seria capaz de qualquer coisa para ter a mulher ao seu lado. Ao mencionar que enfrentará o pai da amada, fica evidente o seu desejo de tê-la ao seu lado, bem como um ato de coragem para provar a sua masculinidade. O trecho também expressa o quanto a mulher ainda está à mercê da figura masculina, pois para se relacionar precisa ter a aprovação de seu genitor, como necessita ser pedida em casamento pelo seu companheiro. Assim, estando sempre sob o poder masculino, no primeiro momento do seu pai e no segundo do seu amado.

Mesmo apresentando um lugar romantizado e de passividade, encontramos mais uma representação da feminina no cenário da vaquejada, conforme observamos abaixo:

“Da arquibancada uma morena me aplaudia”

(Saga de um Vaqueiro – Interpretada pela banda Caviar com Rapadura)

No século XIX as mulheres tinham pouca participação ativa nos eventos esportivos, restringindo-se a acompanhar e dar assistência ao cônjuge (Goellner, 2005). Esse trecho mostra a aproximação da mulher das competições de vaquejada diferente dos demais, mas ainda reproduz o distanciamento da prática, assim participando apenas como espectadora.

Considerações finais

Considerando que as músicas representam o que se reproduz atualmente na vaquejada e entre os frequentadores desse meio, foram encontradas músicas clássicas e outras atuais. Apesar do contexto histórico de cada época, levando em consideração a situação acima, percebemos uma reprodução no que se refere aos estereótipos relacionados ao modelo patriarcal tradicional independente desses dois contextos. O que nos leva a refletir que ainda há uma reprodução de valores e normas cultivados socialmente ao longo dos séculos.

Os trechos reafirmam a posição de inferioridade da mulher em relação ao homem, reforçando estereótipos da imagem feminina como submissa, parte do divertimento e objeto prazer relacionado ao sexo masculino, sendo atribuído a elas um lugar de passividade e romantismo em suas relações. Cabendo ao sexo masculino, sendo ou não através da figura do vaqueiro afirmar a sua masculinidade e virilidade, colocando-se no lugar ativo em suas relações, forte, campeão, dentre outros.

Apesar da predominância masculina na vaquejada, as mulheres têm se apropriado desse espaço por meio de competições, compondo e cantando. Todavia, percebe-se a importância de outros estudos que analisem as relações de gênero na prática da vaquejada, para analisar a relação dos resultados das letras com a prática.

Referências

- Aires, F. J.F. (2008). O espetáculo do cabra macho: um estudo sobre os vaqueiros nas vaquejadas do Rio Grande do Norte. *Dissertação de Mestrado*, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- Alencar, M. A. G. (2000). *Cultura e identidade nos sertões do Brasil: representações na Música popular Alencar*. Actas del III Congreso Latinoamericano de la asociación Internacional para Estudio de la Música Popular, Bogotá, Colombia. Retrieved from <http://www.iaspmal.net/wp-content/uploads/2011/10/Garciamaria1.pdf>.
- Anjos, G. (2000). *Identidade sexual e identidade de gênero: subversões e permanências*. Sociologias, Porto Alegre, ano 2(4), 274-305. Retrieved from <http://www.scielo.br/pdf/soc/n4/socn4a11.pdf>.
- Barbosa, E. L. (2006). *Valeu boi! O negócio da vaquejada*. Teresina: EDUFPI.
- Barbosa, G. dos S. & Lage, A. C. (2015). Reflexões sobre o movimento feminista na América Latina. *Rev. Lugares de Educação*, Bananeiras-PB, 5(11), 92-103. Retrieved from <http://periodicosufpb.br/ojs2/index.php/rle>.
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA.
- Becker, S.H.(1997). *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Hucitec.
- Bourdieu, P. (2002). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Botton, F. B. (2007). As masculinidades em questão: uma perspectiva de construção teórica. *Rev. Vernáculo*, (19 e 20).

- Cunha, M. M. S. (2011). Currículo, gênero e nordestinidade: o que ensina o forró eletrônico?. *Tese do Curso de Doutorado*, Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, da Universidade Federal de Minas Gerais.
- Goellner, S. V. (2005). Mulher e esporte no Brasil: Entre incentivos e interdições elas fazem história. *Pensar a prática*, 8(1), 85-100.
- Lakatos, E. M. & Marconi, M. A. (2009). *Metodologia Científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas.
- Lima, B. de A. & Zucco, L. P. (2010). Representações de gênero em letras de música juvenil - estudo do caso "Paquitas New Generation". *Prisma.com*, v11, p. 1-17, 2010.
- Louro, G. L. (1997). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes.
- Louro, G. L. (2008). *Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas*. *Pro-Posições*, 19(2), 17-23.
- Mello, M. I. C. (2005). Iamurikuma: Música, mito e ritual entre os Wauja do Alto Xingu. *Tese do Curso de Doutorado*, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, da Universidade Federal de Santa Catarina.
- Narvaz, M. G. & Koller, S. H. (2006). Metodologias feministas de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. *Rev. Psicologia em Estudo*, Maringá, 11(3), 647-654.
- Pinto, C. R. J. (2010). Feminismo, história e poder. *Rev. Sociologia Política*, Curitiba, 18(36), 15-23.
- Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, 20(2), 71-99.

- Senra, I. Z. M. (2014). *Canções vadias: Mulheres, identidades e música brasileira de grande circulação no rádio*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil.
- Santos, R. C. & Sacramento, S. M. P.(2011). O antes, o depois e as principais conquistas femininas. *Rev. Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar de Graduação*, São Paulo, ano 5, ed. 01.
- Santos, S. C. M.(2010). O modelo predominante de masculinidade em questão. *Rev. Políticas Públicas*. São Luis, 14(1), 59-65.
- Scott, J.(1989). Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. *Educ. e Realid.* 20(2).
- Silva, C. da. (2012). A desigualdade imposta pelos papéis de homem e mulher: uma possibilidade de construção da igualdade de gênero. *Revista Direito em Foco*. 5ª ed. Retrieved from http://www.unifia.edu.br/projetorevista/artigos/direito/20121/desigualdade_imposta.pdf.
- Valverde, M. (2012). A formatação da audição: A inscrição dos modos de escuta musical no campo da tonalidade. *Contemporânea – Revista de Comunicação e Cultura*, 10(1). 35-54.

ARTIGO II

Valeu o boi! Uma análise de gênero sobre a prática de mulheres na vaquejada

Resumo

O presente estudo teve como objetivo analisar o discurso de mulheres praticantes de vaquejada em relação à sua inserção, acesso e participação nesta prática. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com 20 mulheres praticantes de vaquejada. A primeira vaqueira foi contatada a partir da Associação Brasileira de Vaqueiras – ABRAVA e foi utilizada a técnica de bola de neve para construção da amostra (Becker, 1997). Utilizou-se a técnica de saturação e os seguintes critérios de inclusão para construção da amostra: a) mulheres que participam de competições de vaquejadas no tempo mínimo de 1 ano. b) mulheres com idade a partir de 18 anos. Após a transcrição, as entrevistas foram analisadas a partir da análise interpretativa. Conclui-se que a participação da mulher na vaquejada é moldada pelas questões de gênero, precisando conquistar maior visibilidade, melhores premiações e garantia do seu recebimento e horário estabelecido independente de ser competição da Associação Brasileira de Vaqueiras.

Palavras-chave: mulher; vaquejada; competições.

Abstract

The present study aimed to analyze the discourse of women practicing vaquejada in relation to their insertion, access and participation in this practice. Semi-structured interviews were conducted with 20 cowherd women. The first cowherd was contacted through the Brazilian Vaqueiras Association - ABRAVA and the snowball technique was used to construct the sample (Becker, 1997). The saturation technique and the following inclusion criteria were used for the construction of the sample: a) women participating in vaquejadas competitions at least for of 1 year. b) women aged 18 and over. After the transcription, the interviews were analyzed according to confront analysis. It is concluded that the participation of women in the vaquejada is shaped by the gender issues, needing to gain greater visibility, better awards and guaranteed receipt and established time regardless of being a competition of the Brazilian Association of Vaqueiras.

Keywords: woman; vaquejada; competitions.

A vaquejada surgiu a partir das festas de apartações² entre os séculos XVII e XVIII. Nesse período, as fazendas não eram delimitadas por cercas e os gados eram ferrados e soltos na caatinga para que pudessem se alimentar, cabendo ao vaqueiro transporte dos gados para outras regiões e a ferragem dos que nasciam no meio da mata. Nos meses de junho e julho, período de inverno no nordeste, os vaqueiros eram solicitados pelos coronéis a realizarem a captura do gado que iria para a comercialização. Os peões entravam nas matas com seus acessórios (gibões, perneiras e chapéu de couro) e o cavalo para perseguir, laçar e capturar o gado. Os que resistiam ao chamado dos vaqueiros eram perseguidos e derrubados pela cauda (Cascudo, 1976; Felix & Alencar, 2011).

Mesmo sendo uma prática reconhecida como trabalho do vaqueiro, durante a sua realização eles se divertiam, cantava e dançava. Ao conseguir capturar os animais mais difíceis, a bravura e habilidade de alguns vaqueiros se destacavam. Desta forma, os patrões passaram a organizar disputas e torneios, onde realizavam apostas entre si, enquanto os vaqueiros mostravam suas habilidades (Da Silva & Azevedo, 2014).

Assim, surgindo às corridas de morão, prática realizada pelo homem para o seu sustento e de sua família. Conforme Aires (2008), a corrida de morão teve início na década de 1940, quando os vaqueiros corriam dentro do pátio da fazenda para derrubar o boi. Era um espaço de chão batido e duro, onde durante a disputa corria um competidor por vez, sendo o vencedor aquele que obtivesse o maior destaque na puxada do boi. Aqueles que se destacavam ganhavam utensílios de pequeno valor, carneiros e gados de seus patrões como recompensa. Essa prática passou a ser uma exigência por parte deles aos fazendeiros, sendo uma condição para poder pegar os gados para as apartações.

A inovação da pecuária por volta das primeiras décadas do século XX, período em que o Brasil começou a receber outras raças de gado, trouxe novos modos de lidar com os

²Atividade realizada pelos vaqueiros, pela qual estes capturavam o gado no mato derrubando-o ao chão puxando-o pelo rabo. Posteriormente eram separados os que iriam ser comercializados nas feiras e mercados.

animais. Um desses está relacionado ao cuidado do gado em espaços fechados devido à introdução das cercas de arame nas fazendas, associado também ao plantio de algodão. A outra está relacionada a novas relações de produção e distribuição com o surgimento das empresas frigoríficas e os laticínios. Dessa forma, há uma diminuição no número de vaqueiros para transportar e pegar os bois dentro do mato, limitando as corridas apenas nas proximidades da fazenda. Com isso, houve mudança na competição de morão, na qual os vaqueiros passaram a ter que soltar o boi entre duas faixas, estando a pontuação associada a derrubada do boi o mais próximo da sua entrada na pista (Aires, 2008; Barbosa, 2006).

Essas mudanças foram cruciais para o surgimento da vaquejada moderna. De acordo com Da Silva e Azevedo (2010), os fazendeiros, principalmente do nordeste, começaram a cobrar uma taxa dos vaqueiros para que pudessem competir. A quantia arrecadada era utilizada para aquisição das premiações e organização do evento. A prática que proporcionava o sustento e divertimento de muitos ganhou maior visibilidade e passou a fazer parte da programação de eventos locais. Nesse sentido, foram criados os parques exclusivamente para as competições, investimentos nos animais e na divulgação da prática através dos meios de comunicação. Nesse momento a vaquejada vai se tornando um evento de exibição nas cidades, deixando de lado o caráter de festa de vaqueiro, não sendo mais frequentada apenas pelos fazendeiros e vaqueiros, mas também por engenheiros, agrônomos, médicos, dentre outros.

Em 2001, o vaqueiro (de vaquejada) foi equiparado ao atleta profissional, conforme Lei nº 10.220 de 11 de abril de 2001, que considera aquele que participa das provas de rodeios, sendo estas entendidas como “montarias em bovinos e equinos, as vaquejadas e provas de laço, promovidas por entidades públicas ou privadas, além de outras atividades profissionais da modalidade organizadas pelos atletas e entidades dessa prática esportiva.”

De acordo com Felix e Alencar (2011), os parques de vaquejada³ possuem uma padronização em relação a pista⁴, local onde acontece a competição entre várias duplas na vaquejada contemporânea. A dupla, composta pelo “esteireiro⁵” e “puxador⁶”, monta em seus cavalos para correr na pista com objetivo de derrubar o boi dentro de uma área demarcada por duas faixas de dez metros de largura desenhadas na areia da pista com cal. A disputa acontece da seguinte forma: quando o boi é liberado pela porteira, o bate-esteira pega o rabo do boi e passar para o puxador que segura e puxa a cauda para derrubar o boi com as patas levantadas entre as duas faixas sem tocar nenhuma delas, no qual conta com o auxílio do primeiro para não deixar que o boi levante ou pise nelas. Ao passo que o boi é derrubado entre a faixa, o juiz utiliza a expressão “valeu o boi!”, assim somando ponto para dupla.

Associação Brasileira de Vaquejada-ABVAQ, fundada no ano de 2007 e tendo como visão garantir o crescimento do esporte, torná-lo sustentável e adequado aos tempos atuais, classifica através do seu regulamento os competidores em quatro classes. São definidas as seguintes categorias:

1. aspirante - competidor iniciante ou de desempenho regular ou inferior ao amador no esporte vaquejada, segundo critérios aferidos por observação dos profissionais envolvidos na organização dos eventos;
2. amador - competidor que nunca tenha apresentado, treinado, ensinado ou assistido, direta ou indiretamente, o treinamento de cavalo, visando remuneração ou qualquer compensação. O amador também não pode ter sua atividade profissional principal ligada diretamente à lida com o cavalo (trato, doma, etc.);
3. Intermediário – categoria imediatamente anterior à categoria

³ Espaço que possui a arena onde acontece a vaquejada, de acesso ao público e competidores.

⁴ Local coberto de areia onde se dá a corrida.

⁵ Responsável por levar o [boi](#) para perto do puxador, pegar o rabo do animal e passar para a sua dupla e empurrar com as pernas do seu cavalo o boi para dentro da faixa, caso ele tente levantar fora da faixa.

⁶ Responsável por puxar o rabo do boi e derrubá-lo dentro da faixa.

profissional; 4. Profissional – competidor que, remunerado ou não, tenha participado (direta ou indiretamente), nos últimos três anos, de apresentação, treinamento, condicionamento, ou, de qualquer forma, realizado trabalhos profissionais de doma com cavalos, ou ainda, competido na classe aberta com cavalos de terceiros ou mediante patrocínio;

Desde o ano de 2013 a vaquejada tem dividido opiniões quanto à sua regulamentação como prática esportiva e cultural. Uns dos principais argumentos em relação à legalização da prática estão pautados na importância cultural e seu retorno econômico, estando os contra associados aos maus tratos dos animais. No dia 01 de novembro de 2016 foi aprovado o Projeto de Lei da Câmara (PLC 24/2016) que definia a vaquejada como manifestação cultural e de patrimônio cultural imaterial. Por fim, a Lei Nº 13.364 foi aprovada no dia 29 de novembro de 2016, que “eleva o Rodeio, a Vaquejada, bem como as respectivas expressões artístico-culturais, à condição de manifestação cultural nacional e de patrimônio cultural imaterial”. Nesse sentido, a ABVAQ apresenta um novo o regulamento da vaquejada, tendo com o objetivo a sua implementação nas vaquejadas do Brasil. Além de inovações para permanência da vaquejada, constam regras tradicionais a essa prática (Brasil, 2016; Lima, Melo, Guimarães, Guimarães, 2017).

Levando em consideração que o esporte foi criado pelos homens, acreditavam que eles exigiam muita força dos participantes. Como as mulheres eram vistas socialmente como frágeis, existia uma preocupação de que elas perdessem sua feminilidade, assim a masculinizando. Essa identidade construída socialmente pode ser considerada como um dos fatores que limitam a participação feminina no esporte (Ferreira, Salles, Sousa, Moreira & Zeferino, 2010; Hillebrand, Grossi & Moraes, 2008).

Apesar do contexto da vaquejada dá maior visibilidade a figura masculina e reforça alguns atributos de masculinidade como forte, valente e corajoso, Aires (2008) já destaca em

seu estudo a participação feminina, apesar da sua menor representatividade. Podemos considerar que as lutas feministas possibilitaram a inserção das mulheres em novos espaços dentro da sociedade e o esporte é um deles. Ainda que contrariando os discursos hegemônicos, as primeiras inserções de mulheres no esporte aconteceram a partir da metade do século XX. Assim como em outros esportes, percebemos a participação da mulher na vaquejada, seja como bate-esteira ou puxadora. No ano de 2012, surge a Associação Brasileira de Vaqueiras – ABRAVA com a finalidade de regulamentar e fiscalizar a prática feminina na vaquejada através dos seus circuitos. Nessas as mulheres competem entre si, sendo o puxador terá que ser necessariamente do sexo feminino, podendo o bate-esteira ser homem ou mulher (Teixeira & Caminha, 2013; Mourão & Morel, 2005).

A inserção da mulher nessa e em outras práticas esportivas possibilitam a desconstrução de alguns estereótipos relacionados à mulher como frágil e submissa. Goellner (2013) destaca a importância dos estudos de gênero relacionados ao esporte, sendo este um objeto legítimo e pertinente para investigações. O esporte como um fenômeno social pode ser considerado um espaço político, lugar de resistência e transformador das relações de gênero. É nesse contexto que o presente estudo busca analisar os discursos de mulheres praticantes de vaquejada em relação a sua inserção, acesso e participação nessa prática.

Método

Esse estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, para qual foram realizadas entrevistas semiestruturadas com mulheres que participam de competições de vaquejada. Esse tipo de entrevista possibilita maior liberdade ao pesquisador, proporcionando maior flexibilidade e oportunidade na avaliação das atitudes e comportamentos (Lakatos & Marconi, 2009).

A amostra foi composta a partir da técnica de saturação. Essa ferramenta consiste na suspensão de novos participantes quando os dados obtidos passam a apresentar, na avaliação

do pesquisador, certa redundância ou repetição, não sendo considerado relevante persistir na coleta de dados. A amostra foi saturada com total de 20 entrevistadas (Becker, 1997).

As entrevistadas foram escolhidas a partir dos seguintes critérios de inclusão: a) mulheres que participam de competições de vaquejada no tempo mínimo de 1 ano; b) mulheres com idade a partir de 18 anos. O início da coleta se deu através de contato com a Associação Brasileira de Vaqueiras - ABRAVA, à qual foi solicitada a indicação de uma vaqueira que se adequasse aos critérios da pesquisa. Em seguida sucederam-se os contatos com base na técnica da bola de neve (Becker, 1997). As entrevistas foram realizadas através de chamada de vídeo pelo facebook. Todas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, onde estarão contidas as informações referentes aos procedimentos da pesquisa.

O roteiro de entrevista foi construído em discussão junto ao grupo de pesquisa e em seguida avaliado por 2 doutores. As questões buscaram investigar o início e as motivações que levaram a sua inserção na vaquejada, como foi correr nas vaquejadas e as mudanças que ocorreram, como se dá o seu acesso nas competições, as relações com outros competidores, com os homens que participam das duplas mistas e a percepção em relação às competições masculinas e femininas. As entrevistas foram transcritas e analisadas com base na análise interpretativa.

Resultado e Discussão

A mulher e sua inserção na vaquejada

As mulheres entrevistadas residem em estados das regiões nordeste, centro-oeste e sudeste, dentre eles Ceará, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Piauí, Alagoas, Paraíba, Bahia, Goiás e Rio de Janeiro. No que diz respeito à idade e tempo de prática, as informantes pertencem à faixa etária entre 18 a 36 anos, enquanto o tempo de prática na vaquejada varia

de 1 a 16 anos. Em relação ao estado civil, são em sua maioria solteiras, uma casada e outra divorciada. No que se refere à escolarização, três participantes possuem ensino médio completo, sete cursando nível superior ou técnico (medicina veterinária, técnico em agropecuária, zootecnia, direito e engenharia agrônoma), sete com curso técnico ou graduação (administração, técnica em segurança do trabalho, ciências contábeis, engenharia de produção, medicina veterinária, educação física, zootecnia, direito), duas especialistas (educação física e logística) e uma com mestrado (educação física e saúde).

A vaquejada surge no Brasil após algumas mudanças ocorridas no cenário nordestino. Uma festa popular e tradicional que vem sofrendo alterações ao longo dos anos, mas que permanece reproduzindo características associadas à prática e figura do vaqueiro como uso de indumentárias, domínio sobre os animais, dentre outros. Apesar da maior representatividade das vaqueiras nordestinas nessa pesquisa, percebe-se a sua expansão para demais regiões do país. Embora seja uma prática oriunda dos vaqueiros, podemos encontrar inserção de homens e mulheres com maiores níveis de escolarização (Aires, 2008; Cascudo, 1976).

Em relação às inspirações para seu início na vaquejada dezesseis entrevistadas apontam influência de uma figura masculina da família (pai, avô, irmão, primo), duas de amigo, uma de namorado e uma amiga, outra traz os vaqueiros do seu convívio e uma vaqueira ícone no universo feminino da vaquejada.

“Meu avô era vaqueiro, meu pai também, meus tios e a minha família paterna era toda de vaqueiros. Então eles me incentivam direta e indiretamente para entrar na vaquejada.” (Laura)⁷

“A minha maior inspiração é dos vaqueiros daqui mesmo de Santo Antônio, e Francineide que foi essa vaqueira in memória. Foi uma das grandes mulheres que puxou o boi mais ou menos na década de 90.” (Joana)

⁷ Nomes fictícios

A luta feminina pelos seus direitos possibilitou a mudança de costumes e hábitos relacionados à figura feminina, dentre elas está a sua participação no esporte. Assim, praticando esportes que eram recomendados apenas para homens a partir da primeira metade do século XX, podendo estar em outras funções além de acompanhar seu cônjuge, papel este que lhe era atribuído até o momento no campo esportivo. Mas para que essa entrada acontecesse era exigida a afirmação de algumas representações hegemônicas de feminilidade, estando esses relacionados à beleza e erotização dos corpos. Os estudos de gênero têm contribuído para desconstrução da utilização de características biológicas como forma de justificar o acesso e permanência de homens e mulheres no campo esportivo. Através da fala da última entrevistada, observa-se que na década de 90 já havia a inserção de mulheres no contexto da vaquejada. Mesmo em menor representatividade, conseguem se inserir em um espaço criado e mantido sob o domínio masculino. As falas abaixo também corroboram com essa discussão, onde se tem a inserção da mulher nas competições de vaquejada (Scott, 1995; Pereira & Mazo, 2010).

“Como pai faz vaquejada, então eu sempre estava no meio, no meio de tudo isso, e... Ia pra um ou outro que tinha o pessoal que corria pra ele, a gente sempre acompanhava, eu com minha família, com meu irmão também, desde muito nova, desde nascença praticamente.” (Brisa)

“Minha mãe estava grávida de mim e batia esteira para o meu pai, então eu já nasci no meio.” (Paula)

As falas acima também retratam o conhecimento da prática pelas vaqueiras antes de começarem a competir, fato que foi expresso por todas as entrevistadas. Relataram que frequentava a vaquejada para prestigiar as corridas do pai, tios, irmão, amigo e uma delas relata que sua genitora batia esteira para o seu pai durante a sua gestação. Apreciando a prática devido ao fato do pai organizar esse tipo de evento ou por ter vaqueiros correndo para

ele, por ter um parque próximo a sua casa e ir apreciar as competições que tinham pessoas da sua comunidade competindo. Possuíam aproximação com o cavalo e boi desde a infância por já estarem inserida nesse meio ou pela prática do hipismo. Com relação à idade que começaram a correr na vaquejada, duas relatam que iniciaram a prática por volta dos oito anos, recebendo adaptações, assim correndo em pôneis e derrubando bezerros. Duas relataram que foi com 12 a 13 anos, onze de 15 a 19 anos e cinco de 21 a 26 anos.

Ao mencionarem sobre o seu início na vaquejada, a maioria das mulheres já tinham conhecimento de pessoas que corria vaquejada (pai, mãe, avô, irmão, amigos e namorados), o que facilitou o seu acesso. Quatorze entrevistadas relataram que houve resistência por parte dos familiares em relação a sua inserção na vaquejada, estando esta voltada ao receio da mãe (em sua maioria), avó ou pai de que se machuquem, por ficar longe de casa, o preconceito a prática do esporte pelas mulheres e por o pai ver como um negócio e achar a prática cara. A aceitação por parte dos familiares se deu ao perceberem a seriedade e o amor delas pelo esporte, conquista de premiações, por ter algum familiar vaqueiro e após o conhecimento da existência de mulheres no esporte.

“Eu comecei a competir, é em casa, desde 2007, se não me engano eu tinha 13 anos, e com 17 anos eu comecei a correr outras vaquejadas... A paixão pelos animais, eu via também muito meu pai competir, o pessoal também de casa e comecei a criar gosto assim de participar dos eventos. [...] Só que meu pai incentivava mais o meu irmão.” (Ana)

“Com uns 25 anos. Meu irmão, um deles achava ótimo, o mais velho, mas meu irmão não gostava, aquela coisa do preconceito que dizia que era coisa de homem e não de mulher [...] quando eu comecei a ficar independente, eu disse, não, agora eu vou correr, eu posso [...]eu vejo um machismo que existia até hoje, que ele não me deixava ir com 14, 15 anos.”(Julia)

“No início minha mãe tinha um pouco de medo e receio e como a gente foi criando confiança, hoje em dia é bem tranquilo.” (Francisca)

A vaquejada teve seu início no sertão nordestino, mas se tornou um evento multirregional, havendo uma disseminação da prática em várias cidades do Brasil (Aires, 2008). As praticantes, em sua maioria, são provenientes de localidades próximas às fazendas, o que as aproximou do universo da vaquejada. Recebem maior influência por parte de figuras masculinas, dentre eles familiares, amigos ou namorados que exerciam a prática de derrubar o boi. Algumas delas relatam o contato com os animais desde a infância, pelo fato de seus pais possuírem fazenda. Esse dado corrobora com o estudo de Adelman (2003), no qual as atletas profissionais de hipismo, esporte que possui contato direto com o cavalo, relatam sobre a aproximação com cavalo ou como esse contexto desde a sua infância.

Ao mesmo tempo em que suas maiores inspirações para inserção na vaquejada vieram de seus familiares, são estes que na maioria das vezes agiram de forma a dificultar a inserção ou avanço das meninas devido a preconceitos. Muitas vezes os pais estimulam e incentivam mais o irmão devido a prática envolver um risco físico considerável, dado que remete a representação de corporeidade, havendo o enaltecimento dos atributos corporais quando se trata da figura masculina. Esse resultado corrobora com o estudo realizado por Mariante, Wenwtz & Stigger (2010), que retrata sobre a prática do boxe por mulheres, apresentando os mesmos dados em relação à inserção feminina.

Como sua inserção na prática começou nas fazendas, acontecendo em espaço privado e relacionado ao lazer, percebe-se uma maior permissividade por parte da família. A partir do momento que demonstram interesse em participar das competições, saindo do espaço privado e indo para público, os seus familiares demonstraram maior resistência em relação a sua inserção. O Brasil, em sua raiz, é visto como organização social estruturada pelo sistema

patriarcal. Sendo as normas sociais responsáveis por autorizar determinadas práticas e ações a partir do que pode ou não ser reconhecido socialmente (DaMatta, 1997).

Do privado ao público: o acesso de mulheres vaqueiras

No dia no dia 14 de janeiro de 2012 foi fundada a Associação Brasileira de Vaqueiras – ABRAVA foi fundada, entidade de natureza civil e sem fins econômicos. Teve sua primeira sede situada na cidade de Teresina-PI. Tem como finalidade: organizar, desenvolver, divulgar e estimular a prática de competições de vaquejada feminina.

De acordo com a atual presidente, a criação da associação se deu a partir da mobilização de um grupo de amigas que participavam da vaqueja. Essas levaram em consideração a representatividade das mulheres nas organizações das competições. Dessa forma, buscavam legitimar o respeito à categoria dentro da vaquejada.

Atualmente a sede está localizada na cidade de São José do Belmonte, estado de Pernambuco. Conforme descrito no art. 7 do estatuto, às categorias de associados são composta pelas seguintes categorias: fundadores - as associadas que assinaram a ata de fundação; plenos - vaqueiras associadas, que comprovadamente participam de competições de vaquejada e que pagam as anuidades referente a categoria; beneméritos – pessoas físicas ou jurídicas que tenham prestado serviços relevantes; padrinhos - todos aqueles que apadrinharem uma vaqueira, assumindo sua anuidade e a da apadrinhada; jovens - os que tenham no máximo 18 anos em 30 de junho de cada ano e que pagarem anuidade estipulada para categoria; fã – todos aqueles que se associarem por apreço à classe, porém não são vaqueiras e que paguem a anuidade referente. A associação possui 126 mulheres associadas, mas apenas 48 delas estão em dia com a ABRAVA. Uma vez sócia, sempre serão sócias, mesmo sem atualizar o pagamento. O afastamento se dá devido a dificuldade de algumas em participar de todos os circuitos e a demanda do trabalho e demandas acadêmicas.

Em relação aos treinos a maioria das mulheres relata dificuldade em treinar ou ter uma frequência nos treinos devido a outras atividades como o trabalho e faculdade. Quatro delas relatam que estão participando das competições sem treinar e as demais, mesmo não sendo frequente, treinam nas pistas de sua casa, de amigos, em escolinha de vaquejada e na pista do namorado. Na maioria das vezes treinam com o irmão, com namorado, amigos, os vaqueiros dos pais ou filho deles e com outras mulheres. Mais da metade relata que não há a presença feminina quando estão treinando, e quando há outras que às vezes aparecem meninas que estão iniciando. Apesar das dificuldades descritas acima, a vaquejada, assim como em outros esportes, possibilita tornas as relações entre os sexos mais igualitárias.

“Eu treino em Santo Antonio, onde meu pai fazia o evento, parque arapué, e sempre quando posso assim, é... Eu treino, mas assim, em questão de fase sabe? Porque chegou um tempo que eu tava treinando bastante, mas como chegou outras responsabilidades, não podia tá frequentemente treinando.[...] O pessoal é bastante próximo, pelo menos quando eu estou, incentivam, que normalmente está meu pai, tem um pessoal que trabalha lá em casa, então sempre tá incentivando quando a gente tipo treina e tem sucesso no treino, eu fico super animada sabe?”

(Camila)

No que se refere à relação com as pessoas que estão nos treinos, em sua maioria do sexo masculino, observa-se vários tipos de comportamentos pautados na aceitação e não aceitação da figura feminina. Algumas relatam que o pai, seus trabalhadores e professor observam e orientam em relação aos erros, incentivam e estimulam, há admiração por parte de alguns homens e público, maior aceitação quando os treinos acontecem nos ciclos de amizade e relatam tratamento igual aos homens em relação às cobranças e técnicas. Aparecem nos discursos que alguns acham que até os homens que nunca correram são melhores que as mulheres, o interesse do homem em ficar com a mulher quando emprestam cavalos ou correm com elas, que vaquejada não é local de mulher recatada, que não possuem força suficiente,

que os homens ficam envergonhados quando a mulher derruba o boi e eles não e a imparcialidade por parte de alguns.

Para Mariante, Wenez & Stigger (2010), alguns adjetivos são utilizados na nossa cultura como forma de classificar os sujeitos, em termos de gênero, como masculinos e femininos, sendo esses estendidos para as práticas corporais e expressões corporais do sujeito. Os adjetivos associados às mulheres em sua maioria estão associados à sensibilidade, delicadeza e intuição, e aos homens virilidade, coragem, força e agressividade.

Diante das dificuldades relatadas pelas vaqueiras para treinar e competir com regularidade, pode-se considerar que a prática da vaquejada não se concilia facilmente com as outras atividades (trabalho e estudo) exercidas por elas. Não encontrando nessa amostra uma vaqueira que tenha a prática como profissão, estando associado à dificuldade de encontrar patrocinadores. Diante do exposto e do discurso das entrevistadas, a vaquejada é uma prática realizada por mulheres que possuem, em sua maioria de classe média ou alta.

Ao descreverem a sensação de derrubar o boi pela primeira vez trazem como uma das melhores sensações vivenciadas e como algo indescritível, presente na fala de 18 entrevistadas. Representa também a superação de limites, mistura de emoção, realização de sonho, a representação de ser vaqueira e afirmação da sua capacidade para as pessoas.

“Foi inacreditável quando derrubei o boi pela primeira vez, porque eu nunca imaginei fazer isso, eu magrinha, pequenininha, pouquinha, ahh... é a gente derrubando e a galera gritando lá em baixo. É uma sensação ótima, uma vitória, alegria, vem a emoção.” (Jaqueline)

“Foi inexplicável, uma coisa de superação, e realização de um sonho, você tinha e sabia que era pouco provável de acontecer e você conseguir.” (Renata)

“Uma sensação de realização, [...] você conseguir fazer mesmo com todas as dificuldades de ser mulher e você consegue fazer igual aos meninos, você fazer igual ao seu pai ao seu tio para minha foi uma realização muito grande; uma

superação, uma sensação muito honrosa... Derrubar um boi pela primeira vez, mesmo derrubando errado, mas foi uma realização mesmo. Muita boa!” (Roberta)

Em relação à percepção das mulheres ao contexto da vaquejada mais da metade não considera um “ambiente masculino” devido à inserção das mulheres e criação da ABRAVA, e sim familiar. Algumas consideram um ambiente masculino e outras não veem como uma questão de gênero, mas de quem tem condições financeiras para o sustento do cavalo, pagamento das senhas e sua condução e do animal para as competições.

“Hoje em dia não mais... Hoje em dia eu não consigo mais vê-lo como predominantemente masculino, embora a maior parte ainda seja.. ainda tem um pouco machismo, mas não considero mais predominantemente masculino.(Luzia)

“Antes a vaquejada era um ambiente masculino, hoje não é mais. Porque tem várias mulheres agora correndo. Eu acho que mudou bastante. Acho que seja um esporte para quem tem condições financeiras para o sustento das viagens, animal... Vaquejada é um esporte caro.” (Luisa)

Ao derrubar o boi pela primeira vez a mulher consegue reconhecer e demonstrar a sua capacidade, assim possibilitando problematizar as normas sócias de gênero com o esporte. Dessa forma, indo contra os atributos de gênero hegemonicamente aceitos, no qual o é visto homem é forte e dominador do animal e a mulher como submissa e frágil (Scott, 1995).

Avanços e negociações no ambiente da vaquejada

Até o início dos anos de 1970, os papéis tradicionais relacionados à mulher ainda prevaleciam, evidenciados através do Decreto-Lei 3.199 de 1941 sobre as bases de organização do esporte no Brasil. Esta lei esteve em vigor entre os anos de 1941 a 1975, no qual um dos seus artigos destacava o impedimento a participação das mulheres em práticas incompatíveis com as condições da sua natureza (Adelman, 2003).

As mulheres enfrentaram muitas proibições e preconceitos para se inserirem no esporte, estando às argumentações relacionadas na ideia de proteção da integridade física e fertilidade delas. No ano de 1896 as mulheres tiveram uma participação nos Jogos Olímpicos, mas de forma limitada. Essas dificuldades também eram encontradas no contexto nacional (Ferreira, Salles, Sousa, Moreira & Zeferino, 2010).

Apesar dos obstáculos enfrentados, percebe-se cada vez mais a participação feminina no esporte e sua inserção em práticas antes consideradas de hegemonia masculina. Considerando a vaquejada uma delas, a Associação Brasileira de Vaquejada insere em seu regulamento a tropa de elite feminina na vaquejada (competições femininas), especificando no terceiro e quarto parágrafo do art. 4, que o puxador⁸ necessariamente terá que ser do sexo feminino, enquanto o esteireiro⁹ poderá ser ou não desse mesmo sexo e que não haverá divisão (profissional, intermediário, amador e aspirante), podendo todas as competidoras participar de todas as categorias.

Considerando que os papéis atribuídos a cada um dos sexos são construídos socialmente (Scott, 1995), a participação das mulheres na vaquejada quebra alguns padrões hegemônicos, principalmente referentes à restrição e delicadeza feminina. A criação da associação surge como uma forma de minimizar as diferenças entre os sexos dentro da vaquejada, bem como legitima a permanência feminina. Estando presentes nos discursos das entrevistadas alguns direitos relacionados à garantia da regularidade da sua participação, assim, seguindo os horários estabelecidos pelos organizadores, recebimento e melhoria das premiações e tipos de gado nos circuitos da ABRAVA, sendo esses garantidos com sua criação.

Percebe-se uma divergência no que se refere às dificuldades que encontram, podendo acontecer devido às entrevistadas serem de estados diferentes e as tropas femininas

⁸ Responsável por derrubar o boi entre as duas faixas puxando-o pela cauda.

⁹ Encarregado de levar o boi para perto do puxador no momento que o animal dispara, pegando o seu rabo e passando para o colega, além de empurrar o boi com as pernas do seu cavalo caso ele tente levantar fora da faixa.

prevalecem em algumas cidades. Algumas relatam dificuldade de acesso por conta do preconceito de alguns homens (medo de perder para as mulheres, achar que não é local para elas), acham que as tropas femininas atrasam suas corridas, devido a alguns organizadores colocarem premiações baixas ou não cumprirem com o pagamento quando não possuem lucro, não reconhecerem a mulher como profissional e alguns homens emprestarem cavalos com interesses. Ao manter distinção de atributos femininos e masculinos percebe-se a permanência de alguns estereótipos de gênero. Assim, as representações sociais de gênero uma das barreiras enfrentadas não só pelas vaqueiras, mas pelas mulheres nos esportes de aventuras (Schwartz, Figueiredo, Pereira, Christofolletti & Dias, 2013).

A partir dessas questões apontadas pelas vaqueiras, percebe-se que ainda há uma negociação de espaço, como nem todas as vaquejadas têm suas tropas femininas promovidas pela ABRAVA, alguns organizadores que promovem o circuito não seguem o regulamento da associação. Para que se tenha uma etapa do circuito é necessário que o organizador siga rigorosamente o art. 6 do estatuto, referente às categorias de competição, condições estruturais do local das competições, premiação e divulgação. Bem como, no estado tem que ter, pelo menos, duas sócias que se “responsabilizem”, que queiram uma etapa em seu estado. Não possuem datas ou períodos específicos, porém é preciso ter um tempo mínimo de um mês de um circuito para o outro, desde que sejam seguidos os critérios. Entre junho de 2016 a junho de 2017 foram realizadas etapas na Paraíba, Ceará, Alagoas, Pernambuco e Rio Grande do Norte.

Em relação ao acesso na vaquejada podemos perceber que em alguns estados como no Ceará, Pernambuco e Rio Grande do Norte há mais facilidade para as meninas, mas também depende dos parques, havendo maior abertura quando os parques são do pai, amigos ou quando há circuitos da ABRAVA. Segundo a presidente da associação, elas possuem uma boa relação e aceitação por parte dos organizadores, estes assinam um documento se

comprometendo com o comprimento das normas estabelecidas para os circuitos. Estando essas associadas ao valor da premiação, das senhas e como se dá a competição. Dessa forma, percebe-se uma negociação de espaço que ainda esta em disputa entre as relações.

As facilidades relatadas pelas mulheres no que se refere à sua participação nas competições estão relacionadas a não cobrança das senhas ou cobrança de valor inferior em relação ao da masculina, por a categoria feminina ser vista como uma atração pelo público e poder participar não só das tropas femininas, mas da categoria aspirante ou amadora. Podemos perceber nas justificativas trazidas pelas entrevistadas que há uma espetacularização do corpo feminino.

“Quando a gente participa, sempre tem muita gente assistindo esse momento, as pessoas ficam super ansiosas pra ver esse momento da gente competir[...]mas os vaqueiros em si, não todos, não se relacionam mas há o preconceito.. Quase todos apoiam, mas tem aquele problema de dizer que vai atrasar a vaquejada, que vai ficar muito tarde pra eles disputarem.” (Eduarda)

“[...] Quando não tem a categoria, a gente procura ver se tem a categoria jovem, se você tiver idade também pra participar da categoria jovem ou correr aspirante no meio dos homens.” (Laís)

“Sempre eles ajeitam pra gente geralmente eles não cobram senha, que dão um premio pequeno ou então cobra uma senha mais barata, geralmente a gente paga metade do preço da senha masculina só que o premio é menor. Eles separam as coisas da gente, o horário, corre tudo junto, às vezes corre junto com os homens e vai se classificando, mas por ai vai, ta melhor já do que antes.” (Fernanda)

Às dificuldades relatadas pelas mulheres foram: não possuírem cavalo ou como transportá-lo devido à distância; dificuldade financeira e/ou falta de patrocinador; não ter as tropas de elite em todas as vaquejadas; não ter gado mobral (que não tenha corrido tanto); preconceito por parte dos homens por ter mulher competindo ou acharem que atrasam as

competições; indefinição dos horários de início da competição feminina; falta de alojamento para as mulheres; a falta de compreensão de algumas em receber premiação mais baixa que as masculinas; os organizadores dificultarem as tropas femininas e falta de tempo das vaqueiras para competir.

As mulheres trazem, a partir das suas vivências, algumas percepções em relação a sua inserção nessa prática relacionadas ao preconceito masculino, sendo esse voltado para dois aspectos: as diferenças relacionadas ao biológico que, segundo eles, as tornariam menos competente para competir; e a sua masculinização, colocando em dúvida a sua identidade sexual. Para ir contra a essas justificativas biológicas, as feministas americanas começaram a utilizar o termo gênero como uma forma de se referir a organização social da relação entre os sexos e destacar o aspecto relacional da definição normativa de feminilidade (Scott, 1995).

Metades das entrevistadas consideram que ser mulher atrapalha de alguma forma na sua prática, estando algumas das justificativas relacionadas ao determinismo biológico: ter que viajar para competir, não possuir alojamentos para elas em todas as vaquejadas e os pais se preocupa com quem vai, onde vai ficar e pelo medo de se machucarem, fisiologia (menarca), conseguir patrocínio, alguns homens não veem todas as mulheres como competidoras e assédio, precisando da presença do namorado para que não aconteça. As demais consideram que ser mulher não atrapalha devido hoje em dia sofrem menos preconceito, por atraírem o público e trazerem mais lucro para os organizadores.

“A dificuldade maior que eu vejo é só essa questão dos donos de parques e dos vaqueiros, não cem por cento, né. Toda regra tem sua exceção. Eles ainda têm um pouco de preconceito com a gente, mas, hoje eu não vejo tanta dificuldade(...)uns noventa e cinco por cento, eles não nos vê como pessoas que são capazes, são competidoras de verdade, que não vão ali, só para montar no cavalo, mostrar que tá brincando, que tá tirando foto em cavalo. (Andressa)

No que se refere às relações com os homens, sendo eles competidores ou espectadores, há uma divisão na forma como estes tratam as vaqueiras. Mesmo correndo com o pai/irmão/amigos/sogro/namorado/sobrinho na maioria das competições, relatam não encontram problemas quando precisaram correr com outras pessoas, como recebem mais confiança dos amigos devido seus familiares ficarem com receio que ela se machuque. Uma relação amigável e de respeito com o bate esteira e outros vaqueiros, na qual estes evitam palavrões e brincadeiras na presença delas. Há uma preferência em fazer duplas com os homens por estes passarem mais confiança devido a sua experiência. Alguns homens (vaqueiros e espectadores) apresentam atitudes machistas, soltando piada, emprestam cavalos devido o interesse na mulher, culpabilizando a figura feminina por conta do seu comportamento. A relação de respeito e admiração acontece com as mulheres casadas e/ou quando eles são familiares, amigos ou passam a fazer parte do ciclo de amizade delas. Esse fato gera um distanciamento por parte delas em relação às figuras masculinas que possuem algum tipo de resistência à classe feminina.

“Tem uns que sabem respeitar e tem uns que infelizmente confundem as coisas... Mas tudo, também, depende da mulher. Tem mulheres que se permitem e tem as que não se permitem... Há aqueles que são sabem diferenciar, porque acham que aquela é a outra também deve ser... Tem vaqueiras que vão só pra namorar... Entendeu? E tem as que não vão...” (Emília)

“Tem uns homens que chegam com falta de respeito, soltando piada, soltar indireta, essas coisas assim. Faltando com respeito, dando em cima... Outros chegam pra ajudar. A gente sabe quando eles estão com boas intenções e quando eles não estão com boas intenções.” (Alana)

“Geralmente a relação com os homens que participam são bem melhores do que os homens que vão pra vaquejada só por conta da festa, porque quem participa das competições entende que a pessoa tá lá correndo e quer fazer esporte, até que

eu sou muito a favor de mulher correr com homem do que mulher com mulher, porque geralmente as mulheres que estão correndo elas não são tão experientes como os homens, que são poucas e começaram a correr agora.” (Isabela)

A relação de amizade, admiração, respeito e incentivo entre as vaqueiras se sobressaem. O empréstimo de acessórios, cavalo e bate esteira aparece no discurso de oito entrevistadas e três citam que comemoram a vitória uma da outra. Há também relatos de rivalidade ou inveja por parte de algumas e uma divisão entre as que vão à vaquejada por divertimento e as que competem. Os conflitos que existem entre elas são vistos devido à existência dos grupinhos ou por não saber separar a competição da amizade. De acordo com Saffioti (2004), apesar de o termo gênero ser mais utilizado para designar as relações entre os sexos opostos, essa categoria também possibilita localizar relações assimétricas e igualitárias homem-homem e mulher-mulher. Os dados acima nos mostram as relações assimétricas de gênero entre as mulheres.

“Não conheço todas, mas as que conheço são gente boa e tal, conversam muito sobre a corrida, uma empresta cavalo a outra que não tem cavalo, a gente conversa e dá dica, de alguma coisa que faltou...” (Larissa)

“...conversam, às vezes ajudam uma a outra, dá palpite, empresta capacete, empresta luva, às vezes até o esteira.” (Silvia)

“... chega a ter rivalidade entre algumas[...]porque não pode levar em consideração o que tá dentro da pista pra fora. A rivalidade é dentro da competição e não na amizade.” (vick)

As meninas relatam algumas diferenças em relação às competições masculinas e femininas, e que apesar de não acontecer em todas as vaquejadas, possuem alguns privilégios em relação aos homens. Entre as vantagens estão: ter gado melhor e menor (igual da

categoria aspirante), menor número de meninas possibilita a união entre elas e maior chance de ganhar, gratuidade da senha e/ou desconto, ter que derrubar menos bois que os homens para a classificação e por atraírem mais público. Alguns organizadores de vaquejada veem as competições femininas como uma forma de atrair o público, fato que pode ser compreendido devido até o século XX à beleza ser vista como sinônimo de saúde e genitália adequada para as funções de reprodução, sendo a erotização dos corpos incorporada a esse discurso na década de 70, no qual os ginásios, parques, estádios e academias passaram a ser locais de espetacularização dos corpos femininos (Goellner, 2005). Dentre as desvantagens estão às premiações menores que as masculinas, menor valorização da categoria por parte dos organizadores e a força física como diferença. Os aspectos tidos como desvantagens são justificados por algumas devido às vantagens que recebem, principalmente em relação à desvantagem das premiações e desvalorização da categoria por parte de alguns organizadores.

“A maioria das competições femininas é em tropa de elite, e, para as femininas ele trocam o gado, não é o mesmo do masculino. Pra gente eles costumam colocar animais que sejam padronizados e animais que não judiam da gente[...]animais do dia-a-dia da gente. São animais bons pra gente correr, assim a técnica é diferenciada. O público gosta mais de ver a gente correndo.” (Letícia)

“Existe, em questão de tudo, de força, de cavalo, de tudo, porque não é porque a gente corre que... O povo chega a dizer que “há não tem diferença”, tem uma mulher não tem a mesma força de um homem, até pra segurar o cavalo é diferente, se não for um cavalo manso fica difícil a gente segurar até a faixa. E querendo ou não uma mulher é mais delicada.” (Paloma)

Em relação ao tratamento dos organizadores, percebe-se uma divisão no discurso entrevistadas, podendo se dá pelo fato das entrevistadas serem de estados diferentes. Em sua maioria, consideram que possuem beneficiadas por parte de algumas organizações em relação

aos horários das competições, melhores premiações, disponibilização de alojamento, valor pago para competir inferior ao masculino ou gratuito, uma boa boiada e recebimento da premiação de acordo com a divulgação. Mas ressaltam que os benefícios citados acima, na maioria das vezes, só acontecem quando há filha de donos do parque competindo, quando a dona do parque é mulher, possuem mulheres nas organizações ou quando é etapa organizada pela ABRAVA. Justifica a priorização de a categoria masculina proporcionar um maior lucro devido o maior número de vaqueiros, assim priorização do horário e maiores premiações.

“Tem eventos que são excepcionais em recepção, que nos tratam muito bem, que nos recebem que nos dão casa para ficar, e tem as outras que não nos dão. Tem as vaquejadas que sim, e, tem as vaquejadas que melhoram que disponibilizam uma casa somente para as vaqueiras ficarem...” (Maria)

“Em alguns parque eles tratam melhor a mulher, em outros eles tratam da mesma forma que tratam os homens.” (Julieta)

Em relação às premiações todas as mulheres relatam que as masculinas são sempre maiores, justificando a diferença ao menor número de mulheres em relação ao de homens, por não pagarem para competir ou pagar um valor inferior aos homens. O fato de não possuírem padrões e a dificuldade em conseguir patrocinadores, diferente da categoria masculina, não conseguem viver do esporte e não ter condições financeiras de pagar a mesmo valor que os homens para competir. Mas duas das entrevistadas relatam que se tivessem os mesmos direitos que os homens, teriam condições de ter boas premiações e assim pagar as senhas no mesmo valor.

“Sim, a masculina sempre é uma premiação alta, a da gente não, é fica, a que eu fui que teve premiação maior foi 10 mil reais. A senha deles é um valor maior e a da gente não, dependendo da corrida, a senha é mais barata, tem corridas que só tem três meninas correndo, aí isso não compensa ele colocar a premiação de 20,

30 mil reais pra 3 meninas que vão correr, 10, isso não compensa pra eles né?”

(Olga)

“Primeiro a maioria das nossas provas a gente não costuma pagar senha, isso já outro benefício. A categoria masculina a premiação é alta; o valor da senha é alto.” (Luana)

“[...]Se conseguíssemos patrocinadores ou tivéssemos patrões, assim como eles, conseguiríamos pagar o mesmo valor que eles e receber a mesma premiação.”

(Flor)

De acordo com Goellner (2005), ainda que ao longo da história a mulher tenha deixado de ser apenas espectadora e tenha conquistado espaços dentro do esporte, é notório a sua menor representatividade em relação à masculina. Apesar da sua representação significativa, podemos perceber não só na vaquejada, mas em outras atividades corporais e esportivas que as mulheres não sofrem preconceito em relação a sua participação e que possuem as mesmas oportunidades. Percebe-se também a espetacularização e exposição do corpo das vaqueiras como forma de exaltação da beleza e sensualidade.

Uma das dificuldades encontradas pelas vaqueiras está relacionada ao patrocínio, Schwartz, Figueiredo, Pereira, Christofolletti & Dias (2013) destaca como uma das questões que demonstram a falta de reconhecimento da figura feminina no esporte, bem como ganhar cargos nas federações esportivas e ocupar cargo de técnicas.

Percebeu-se alguns discursos hegemônicos de feminilidade, ancorados na beleza e fragilidade, relacionados ao uso da maquiagem e/ou tranças durante as competições e a proteção e segurança por estarem na companhia de homens, seja dentro da pista enquanto dupla ou fora delas. De acordo com Goellner (2007), no campo do esporte as marcações dos corpos masculinos e femininos acontecem através dos gestos, roupas, acessórios, dentre

outros. Estes carregam consigo significados associados a feminilidade, produzindo efeitos e justificando a inserção adesão e permanência na prática..

Considerações finais

Considerando a contribuição das entrevistadas, apesar das suas conquistas dentro da vaquejada, ainda encontram muitos entraves, tais como fatores financeiros, estando estes voltados às premiações, manutenção do cavalo e custeio do seu deslocamento e do animal para as competições. Além disso, percebe-se também a dificuldade em conciliar o trabalho, estudos e o esporte, bem como o preconceito e não aceitação da participação feminina na vaquejada.

As vaqueiras ainda precisam conquistar premiações melhores e garantia do seu recebimento, visibilidade e horário estabelecido dentro das competições. Sendo esses direitos garantidos mesmo quando não for etapa organizada pela ABRAVA. Alguns padrões que colocam a mulher como mãe, frágeis, esposas, dentre outros, acabam construindo uma barreira que reflete no tratamento em que são submetidas em locais considerados de hegemonia masculina, como a vaquejada. Isto reflete na falta de visibilidade, menor premiação, falta de patrocínios e horários estabelecidos. Levando-nos a inferir que as questões de gênero moldam as representações sobre a mulher nesse contexto. Dessa forma, ações como a criação da ABRAVA representa um avanço no sentido de inserir na pauta deste esporte um olhar de gênero para retratar igualdade nas relações. É necessário que as vaqueiras recebam maior visibilidade para que busquem condições próximas as que os homens possuem.

Nesse sentido, destacamos a necessidade de novos estudos sobre a presença feminina na vaquejada, dessa forma favorecendo para desconstrução de estereótipos relacionados ao gênero, bem como possibilitar maior visibilidade a mulher nesse contexto.

Referências

- Aires, F. J.F. (2008). O espetáculo do cabra macho: um estudo sobre os vaqueiros nas vaquejadas do Rio Grande do Norte. *Dissertação de Mestrado*, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- Adelman, M. (2003). Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. *Revista Estudos Feministas*, 11(2).
- Associação Brasileira de Vaquejada. Retrieved from <http://www.abvaq.com.br/telas/3>.
- Barbosa, E. L. (2006). *Valeu boi! O negócio da vaquejada*. Teresina: EDUFPI.
- Becker, S.H.(1997). *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Hucitec.
- _____. (2003) *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, Civilização brasileira.
- Cascudo, L.C. (1976). *A vaquejada nordestina e sua origem*. Fundação José Augusto: Natal.
- De Lima, J. M. G.; Melo, R. S.; Guimarães, E.S.; Guimarães, J. R. S. (2017). *A tensão “natureza/cultura” na vaquejada nordestina*. In: Saúde e meio ambiente: os desafios da interdisciplinaridade nos ciclos da vida humana. Org: One, G. M. C. & De Albuquerque, H. N. Instituto Bioeducação, Campina Grande-PB,1.
- DaMatta, R. (1997). *A casa e a rua: espaço cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5ª ed. Rio de Janeiro, 123p.
- Da Silva, G. K. N.; Azevedo, F. F. (2014). Consumo versus cultura: a vaquejada utilizada como instrumento para a reprodução do capital em macaíba-RN. *Revista de Geografia (UFPE)*, 31(3).

Estatuto da ABRAVA. (2012). Retrieved from

<http://www.portaldoequino.com.br/news/2012-abrava-estatuto.pdf>.

Felix, F. K. L.; Alencar, F. A. G. A. (2011). O vaqueiro e a vaquejada: do trabalho nas fazendas de gado ao esporte nas cidades. *Revista Geográfica de América Central*, 2, 1-13
Universidad Nacional Heredia, Costa Rica.

Ferreira, H. J., Salles, J. G. C., Sousa, D. A., Moreira, N. C. L., & Zeferino, J. C. (2010).
Coleção Pesquisa em Educação Física, 9(2), 223-230.

Goellner, S. V. (2013). Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. *Tempo. Niterói*, RJ. 19(34),(jan./jun. 2013), 45-52.

_____. (2007). Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. *Movimento*. Porto Alegre, 13(2),171-196.

_____. (2005). Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 19(2), 143-151.

_____. (2005). Mulher e esporte no Brasil: Entre incentivos e interdições elas fazem história. *Pensar a prática*, 8(1), 85-100.

Hillebrand, M. D., Grossi, P. K., & Moraes, J. F. (2008). Preconceito de gênero entre mulheres praticantes do esporte universitário. *Psico*, 39(4), 425-430.

Lakatos, E. M. & Marconi, M. A. (2009). *Metodologia Científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas.

Lei nº 13.367, de 29 de novembro de 2016. (2016). Eleva o Rodeio, a Vaquejada, bem como as respectivas expressões artístico-culturais, à condição de manifestação cultural nacional e de patrimônio cultural imaterial. Diário Oficial da União, Brasília.

- Lei nº 10.220, de 11 de abril de 2001.* (2001). . Institui normas gerais relativas a atividade de peão de rodeio, equiparando-o a atleta profissional. Diário Oficial da União, Brasília.
Retrieved from http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/L10220.htm.
- Mariante, F. P. N., Wenez, I., & Stigger, P. M. (2010). *Boxe: como elas fazem?. Porto Alegre: Fazendo gênero*, (9).
- Mourão, L., Morel, M.(2005). As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. *Rev. Bras. Cienc. Esporte*, Campinas, 26(2), 73-86.
- Pereira, E. L., & Mazo, J. Z.(2010). Salto alto e botas: representações das mulheres nas práticas equestres em Porto Alegre/RS produzidas pela Revista do Globo (1929-1967). *Porto Alegre: Fazendo gênero*, (9).
- Regulamento da Associação Brasileira de Vaquejada. (2017) Retrieved from http://www.abvaq.com.br/images/institucional/Regulamento_Geral_ABVAQ_2017-v1.pdf
- Saffioti, H.I.B.(2004). *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- Scott, J.(1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, 20(2), 71-99.
- Schwartz, G.M., Figueiredo, J.P., Pereira, L.M., Christofolletti D.A., Dias, V.K. (2013). Preconceito e esportes de aventura: A (não) presença feminina. *Motricidade*, 9(1), 57-68.
- Silva, T. C. (2009). A prática da Vaquejada à luz da Constituição Federal. In: *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, XII, 63. Retrieved from http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=5922.

Conclusão

Esse estudo buscou analisar a representação da mulher na vaquejada, o primeiro analisou as letras de músicas de vaquejada. Como uma das manifestações da cultura, a música funciona como veículo de condução de significados e símbolos criados culturalmente no que se refere a maneiras de ser e agir do feminino e masculino. As letras das músicas de vaquejada aqui analisadas, reproduzem estereótipos relacionados ao modelo patriarcal, sendo atribuída à figura feminina um lugar de passividade e à figura masculina um lugar de dominação, cabendo à figura feminina a submissão, passividade e romantismo em suas relações, parte do divertimento e objeto de prazer relacionado ao sexo masculino. Em relação à figura masculina podemos perceber a busca pela afirmação da sua masculinidade, virilidade, forte, campeão, dentre outros, associada ou não a figura do vaqueiro. Há reprodução de alguns estereótipos e preconceitos de gênero nas letras das músicas selecionadas, cabendo à mulher apenas um lugar de espectadora no contexto da vaquejada.

No estudo realizado com as vaqueiras, percebemos a influência da figura masculina para sua inserção, tendo conhecimento e inserção na vaquejada desde a infância. Percebe-se a resistência dos familiares quando a prática sai do contexto privado para o público e por haver maiores estímulos às figuras masculinas (irmãos). A partir do seu desempenho dentro das competições de vaquejada consegue construir outras identidades que vão contra os papéis de gêneros associados ao modelo patriarcal.

Ao mesmo tempo conseguem legitimar e adquirir direitos com a criação da associação, esses direitos (premiação e horários estabelecidos) são vistos como dificuldade para participação das mulheres quando não se tem os circuitos da ABRAVA. Percebe-se que para garantir a sua permanência é necessário negociar os papéis patriarcais, sendo essa negociação disputada entre as relações. Conclui-se que as mulheres vaqueiras precisam

conquistar melhores premiações e garantia do seu recebimento, horário fixo nas competições e maior visibilidade.